

Exploração e turismo sexual

AJO 8549

Ana Maria Petronetto Serpa

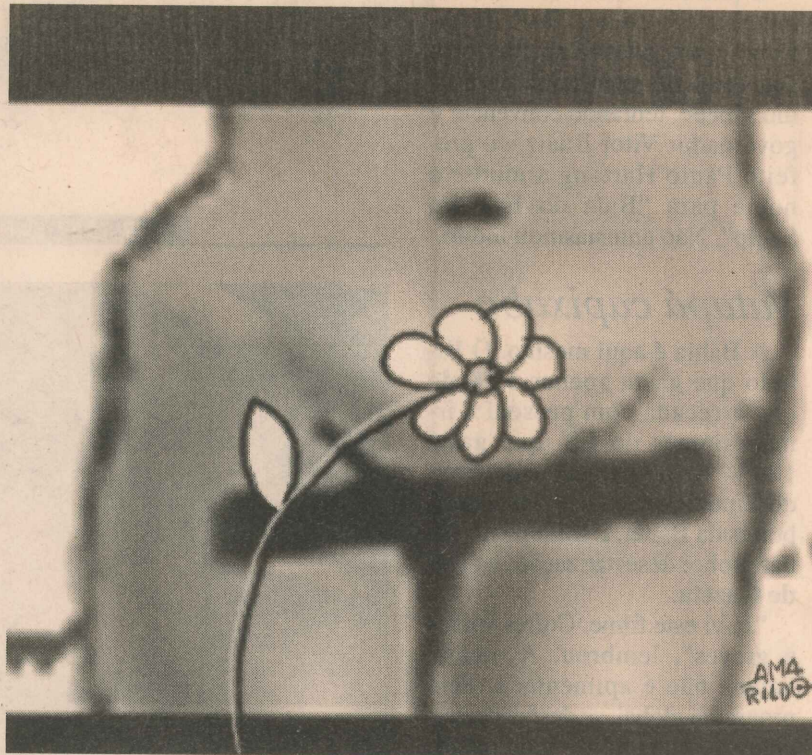


O encontro realizado em Estocolmo, Suécia, no último mês de agosto, para debater e criar uma articulação mundial capaz de enfrentar o problema crescente da exploração, do turismo sexual e do tráfico de meninas e jovens reforçou a idéia de que há um "mal-estar na civilização". A cobertura diária do evento pela imprensa colocou-nos diante de cenas impensáveis no mundo de hoje.

Segundo dossiê e relatórios especialmente preparados para o evento que teve a participação de representantes de cerca de 100 países, de 1.000 ONG's e o apoio do Governo da Suécia e do Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância), há em todo o mundo quadrilhas especializadas em traficar e escravizar mulheres, em especial as mais jovens, integram uma rede criminosa com rotas diversas, ampla ramificação e articulação internacional, envolvendo, inclusive, funcionários dos governos de vários países. São mais de um milhão de mulheres, 35% das quais com menos de 18 anos. Milhares delas deslocam-se das regiões pobres ou em crise para regiões ricas, formando verdadeiras ondas migratórias. Denúncias feitas no encontro dão conta de que um milhão de crianças entram no mercado do sexo anualmente.

Cada país tem seu mercado e cada mercado forja suas regras com base na cultura e nas idiossincrasias locais. Na China, o mercado da exploração sexual valoriza as meninas, pois crêem os chineses ser possível absorver a energia da juventude mantendo relações sexuais com elas. Na Índia, nos pequenos vilarejos, as meninas de casta inferior entregam-se resignadamente aos sacerdotes, num ritual já proibido no país, acreditando que isto faz parte do seu "karma". Nos países em guerra, o estupro (público às vezes), o aprisionamento para fins de exploração sexual, a violência sexual contra mulheres, na frente dos filhos, são componentes do conflito. Tais violações são acompanhadas de crises de depressão, de perda de auto-estima e suas vítimas costumam acabar na prostituição.

No Brasil, o quadro não é menos assustador. O jornalista Gilberto Di-



menstein pesquisou o fenômeno da exploração sexual nos Estados do norte do país e o que descreveu não difere do que ocorre no mundo. Nesses Estados (Maranhão, Pará, Amazonas, etc) as meninas, em geral do interior, são contactadas por agenciadores que lhes oferecem emprego e perspectivas de uma vida melhor. Ao chegarem aos bordéis recebem adiantamento para compra de roupas e perfumes, tornando-se, a partir daí,

eternas devedoras dos rufiões que consideram isto um negócio como outro qualquer. Tornam-se mercadorias em mãos de comerciantes violentos e inescrupulosos. Um resistem e fogem, ainda que policiais a serviço da quadrilha tentem capturá-las. Outras sonham com o príncipe encantado buscado em cada encontro. Outras, ainda, degradam-se no consumo e tráfico de drogas, de cujo esquema tornam-se parte. Para as meninas virgens, recém-chegadas ao bordel, há leilões disputados e excêntricas apostas. Estas mulheres-meninas têm baixa auto-estima e se autodesprezam, infringindo-se castigos e mutilações variadas. Viver é ser rejeitada,

processo que começa na própria família, a qual muitas vezes também se inicia na prostituição.

Esta situação, ainda mais dramática nos grandes centros urbanos e nas capitais brasileiras, principalmente nos Estados do Nordeste, onde meninas de 12 anos são oferecidas nos pacotes turísticos, levou à organização de uma campanha nacional contra a exploração e o turismo sexual envolvendo crianças e adolescentes.

No Espírito Santo, nos poucos debates públicos que fizemos em adesão à campanha nacional, a trama da exploração sexual começou a delinear os seus contornos. Nela são envolvidas meninas de famílias pobres, mas também de classes médias, agenciadas por

rufiões com esquemas tanto mais sofisticados quanto melhor a sua situação econômica e educacional. A maioria tem família constituída e algumas têm história de violência sexual na infância, o que aliás é mais comum do que se imagina, embora nem todas as crianças vitimizadas ingressem no mercado do sexo.

Verificou-se que a exploração sexual de crianças e adolescentes articula-se com altos interesses econômi-

cos, movendo negócios já institucionalizados numa rede que envolve donos de motéis, boates, agências de turismo, agências de modelo, taxistas, caminhoneiros, policiais, seguranças privados etc. Também articula-se com o tráfico de drogas em esquemas sofisticados e de mais difícil repressão. Tudo isto nos obriga a repensar o fenômeno da prostituição e a refazer velhas imagens.

As soluções apontadas nos diversos fóruns de discussão até aqui promovidos passam pela denúncia dos casos conhecidos à Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, aos Juizados da Infância e da Juventude e aos Conselhos Tutelares. É importante lembrar que é dever de todos colocar a criança e o adolescente a salvo de toda a forma de exploração, de crueldade e de opressão. Passam também pela existência de leis mais severas, pela repressão permanente e pela punição efetiva dos agenciadores, dos pedófilos (veja o exemplo recente da Bélgica) e de outros agentes; pela existência de políticas sociais que garantam apoio às famílias e possibilidade de escolha de outros projetos de vida aos jovens (educação, profissionalização, cultura, lazer, participação social); pela realização de pesquisas que desvendem os esquemas da exploração sexual no Estado, sua organização e articulações, fornecendo subsídios para a formulação e aprimoramento das políticas públicas e da ação governamental.

O documento final do encontro de Estocolmo destaca que a pobreza dos países não deve gerar a omissão dos governos e a impunidade. Ressalta que a exploração sexual se previne com educação, com a permanência e o progresso da criança na escola, onde deve receber inclusive educação sexual. Daí a importância de se combater, de todas as formas possíveis, a evasão e a reprovação escolar e de se reconstruir a escola pública.

É importante que se desenvolvam campanhas e que se discuta o assunto em escolas, igrejas, centros comunitários e, sobretudo, na mídia, focalizando o tema da exploração sexual para além do preconceito e resgatando a capacidade de indignação da sociedade pois "o homem desenvolve a perigosa capacidade de acostumar-se às coisas", afirma Barrington Moore ao analisar os campos de concentração nazistas.

Ana Maria Petronetto Serpa é diretora do CCJE e coordenadora do Núcleo de Estudos da Criança e do Adolescente/Ufes

'No Espírito Santo, a trama da exploração sexual de meninas começou a delinear seus contornos'